

# BORGES DE MEDEIROS, A REVOLUÇÃO DE 23 E O PALÁCIO PIRATINI: UMA ANÁLISE DO PODCAST PALÁCIO PIRATINI COMO MANTENEDOR DA HISTÓRIA

*BORGES DE MEDEIROS, THE REVOLUTION OF 23 AND THE PIRATINI PALACE: AN ANALYSIS OF THE PODCAST PALÁCIO PIRATINI AS A MAINTENIR OF THE HISTORY*

Stéfani Fontanive<sup>1</sup>

Ana Julia Zanotto<sup>2</sup>

## RESUMO

A revolução de 23 deixou marcas no Rio Grande do Sul. Um de seus principais personagens, Borges de Medeiros, também, sendo o governante a ficar mais tempo à frente do Executivo Gaúcho. Quase 100 anos depois, em 2021, o Palácio Piratini completou 100 anos e uma das ações comemorativas foi o lançamento do podcast Palácio Piratini: 100 anos de História. O quarto episódio da segunda temporada é dedicado a Borges de Medeiros. O presente artigo tem, então, como principal temática a construção da personalidade de Borges de Medeiros e a Revolução de 23 no podcast citado. Para isso, traz-se a relação entre jornalismo e história, concordando com Reginato (2019) que ele atua como mantenedor da história, mas trazendo que suas técnicas e formatos podem ser, também, recuperadores; o jornalismo e a política, citando a importância do jornal A Federação para o Estado. O artigo aborda também a relação entre podcast e jornalismo e a apresentação do objeto. Para a análise do objeto, utiliza-se a metodologia da análise de narrativa.

**Palavras-chave:** Borges de Medeiros; Jornalismo; Podcast; História; Palácio Piratini.

## ABSTRACT

*The Revolution of 23 left its marks in Rio Grande do Sul. One of its main characters, Borges de Medeiros, was also the ruler to stay the longest in charge of the Gaucho Executive. Almost 100 years later, in 2021, the Piratini Palace completed 100 years and one of the commemorative actions was the launch of the podcast Palácio Piratini: 100 years of History. The fourth episode of the second season is dedicated to Borges de Medeiros. This article has, therefore, as its main theme the construction of the personality of Borges de Medeiros and the Revolution of 23 in the aforementioned podcast. For this, the relationship between journalism and history is brought*

---

1 Jornalista com graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2020) e mestranda em comunicação pela mesma instituição, na linha de pesquisa Cultura, Política e Significação. Desde a graduação atua na área, com bolsas de monitoria e estágios. Trabalhou como jornalista no Palácio Piratini e, atualmente, é repórter do Jornal da UFRGS.

2 Estudante de Jornalismo na UFRGS e estagiária no Correio do Povo.

*up, agreeing with Reginato (2019) that he acts as a maintainer of history, but bringing up that his techniques and formats can also be recoverers; journalism and politics, citing the importance of the newspaper A Federação for the State. The article also addresses the relationship between podcast and journalism and the presentation of the object. For the analysis of the object, the methodology of narrative analysis is used.*

**Keywords:** Borges de Medeiros; Journalism; Podcast; History; Piratini Palace.

## 1 Introdução

A Revolução de 23 mudou os contornos do Rio Grande do Sul. Na eleição de 1922, Borges de Medeiros concorre ao seu quinto mandato para a presidência do Estado e vence a eleição. Em janeiro do ano seguinte, Joaquim Francisco de Assis Brasil, em conjunto com outros revolucionários, iniciam uma campanha contra Borges. A revolução terminou com o Tratado de Pedras Altas, assinado em 14 de dezembro de 23 no Castelo de Assis Brasil e retificado no dia seguinte no Palácio Piratini, por Borges de Medeiros. Depois da revolução, a reeleição passou a ser proibida no Rio Grande do Sul e nenhum outro governante pode repetir o feito de Borges: ocupar o governo do Estado – na época denominado presidência – por cinco mandatos.

Borges de Medeiros, personagem central da revolução, foi o governante a ficar mais tempo à frente do governo: foram 25 anos comandando o Estado. Dentre seus feitos, estão a inauguração do novo Palácio do Governo, hoje denominado Palácio Piratini por indicação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Em 2021, o Palácio completou 100 anos e, em comemoração a seu centenário, foram produzidas diferentes peças de comunicação com o objetivo de recuperar e divulgar a história do Estado, entre elas, o podcast Palácio Piratini: 100 anos de História, que conta com duas temporadas, a primeira abordando a construção do prédio e a segunda a memória política do Estado, em que se buscou recuperar a história dos ex-governantes, entre eles, o governante central para a revolução de 23.

Tendo a revolução, a vida de Borges e o Palácio Piratini, o presente artigo tem como objetivo entender a construção da revolução de 23 e a vida de Borges de Medeiros no podcast Palácio Piratini: 100 anos de História. Além de buscar compreender a construção da figura de Borges de Medeiros, analisa e reflete sobre a atuação e finalidade do jornalismo como mantenedor da história.

## 2 Jornalismo como mantenedor da história

Para explicar a relação entre Borges de Medeiros, a revolução de 23 e o Palácio Piratini, tendo como foco o objetivo do presente artigo de compreender a construção narrativa de Borges de Medeiros no podcast Palácio Piratini: 100 anos de Memória Política, é preciso compreender a relação entre jornalismo e história.

Park (2009) ao definir o jornalismo como forma de conhecimento, o compara a história e a política – ambos os temas caros ao presente artigo. O autor apresenta “três tipos fundamentais de conhecimento científico: (1) filosófico e lógico, que trata primariamente das ideias; (2) história, que trata de eventos; e (3) as ciências naturais ou classificatórias, que tratam das coisas” (PARK, 2009, p. 55), e explica que o jornalismo não se enquadra em nenhuma dessas formas. O jornalismo não trata apenas de ideias, trata de eventos e acontecimentos da realidade; apesar de tratar de eventos, assim como a história, os aborda no presente e não no passado; e não tem uma metodologia como as ciências naturais, que o possibilitaria tratar de coisas.

Com o objetivo de entender o lugar do jornalismo é que Park (2009) recorre a política e a história. “A notícia não é nem história nem política, embora esteja intimamente relacionada às duas. Entretanto, é a coisa que torna a ação política possível, diferente das outras formas de comportamento coletivo”. (PARK, 2008, p. 61).

Meditsh (2010) ao defender o jornalismo como forma de conhecimento aponta que ele apresenta um conhecimento da realidade cotidiana e, além disso, é responsável por transmitir o conhecimento formal – seja das ciências naturais, mas também da história – para um maior número de leitores. Além de ter a responsabilidade de transmitir esse conhecimento, Reginato (2019) apresenta que uma das finalidades do jornalismo<sup>3</sup> é registrar a história e construir a memória, porque “O jornalismo deve preservar a memória, documentando os fatos mais importantes que ajudam a sociedade a entender seu tempo agora e no futuro” (REGINATO, 2019, p. 236):

---

3 Reginato (2019), após analisar discursivamente os as falas de veículos, por meio de manuais de redação, princípios editoriais, códigos de ética e editoriais da Folha de S. Paulo, Globo e O Estado de S. Paulo, jornalistas, com base em suas biografias, livros, documentários, entrevistas, e leitores, por meio dos comentários em sites e páginas do facebook dos jornais já citados, encontra 12 finalidades para o jornalismo: informar de modo qualificado, investigar, verificar a veracidade das informações, interpretar a realidade, fazer a mediação entre os fatos e o leitor, selecionar o que é relevante, registrar a história e construir a memória, ajudar a entender o mundo contemporâneo, integrar e mobilizar as pessoas e defender o cidadão.

O papel do jornalismo de registrar história e construir memória reforça o compromisso ético de buscar a verdade dos fatos e respeitar a processualidade dos acontecimentos, pois algumas décadas depois, quando historiadores revisarem a cobertura jornalística de fatos passados, a legitimidade e credibilidade do jornalismo poderão ser colocadas sob questionamento. (REGINATO, 2019, p. 236)

Entendemos o jornalismo como mantenedor da história, assim como Reginato (2019), mas apresentamos, com o podcast, mais uma relação com a história, o de recuperador. Por meio de formatos jornalísticos – como a roda de conversa – busca-se recuperar e contar a história do Palácio Piratini, do Estado e de seus governantes. O podcast Palácio Piratini, objeto empírico do artigo, foi produzido e veiculado por canais oficiais do Estado, sendo assim, é uma comunicação oficial do governo. Esse espaço do governo se volta para a recuperação e a manutenção da memória do governo e de seus governantes.

Park (2009) traz o jornalismo como diferente da história e da política. Mas, assim como o jornalismo e a história possuem aproximações e semelhanças, o jornalismo e a política também. De acordo com Traquina (2020), no início do século XIX, a principal fonte de subsídios dos jornais eram os partidos políticos, com cada partido tendo um jornal para chamar de seu. No Rio Grande do Sul, jornalismo e política estiveram, por muito tempo, conectados e, como apontou Traquina, cada partido tinha o seu folhetim. O primeiro jornal gaúcho com um número significativo de circulação e modelo de produção jornalístico foi A Federação, o “órgão do Partido Republicano”, já citado no presente capítulo. Publicado pela primeira vez em 1º de janeiro de 1884, foi criado por importantes nomes políticos do Rio Grande, como Júlio Prates de Castilhos, Ramiro Barcellos, Ernesto Alves, Barros Cassal, Borges de Medeiros, Fernando Abbott, Carlos Barbosa, Germano Hasslocher, Venâncio Ayres e Joaquim Francisco de Assis Brasil (DUARTE, 2012).

No jornal, havia a presença constante do compartilhamento das ideias do Partido Republicano, falas do presidente do Estado – Julio de Castilhos e, em seguida, Borges de Medeiros – e críticas aos adversários. De acordo com Duarte (2012), em 1915, com Salvador Ayres Pinheiro Machado na presidência do Estado, enquanto Borges estava afastado por doença, A Federação tornou-se o canal oficial de comunicados do Rio Grande, atuando como Diário Oficial. Essa atuação perdurou até 1935, quando A Federação voltou a ser o meio de comunicação do Partido Republicano e o Estado passou a ter um Diário Oficial próprio. No quarto episódio do podcast Palá-

cio Piratini: 100 anos de Memória Política, Brixius (2022) discorda da teoria apresentada por Duarte (2012) de que a Federação funcionaria como o Diário Oficial, porque estavam também nas páginas notícias, anúncios, agenda cultural de Porto Alegre, e não apenas informes do governo.

Grijó e Brixius (2022), no mesmo episódio, apresentam que o local de debate político no Estado, no século XIX, era nos jornais. Os convidados explicaram que cada partido possuía o seu jornal e havia mais de 10 jornais em circulação na época. Para entendermos como o jornal ocupava esse espaço de seara dos debates, precisamos retomar a própria definição aristotélica de política. Bobbio (1998, p. 954) explica que a palavra política vem do grego, “do adjetivo pólis (*politikós*) que significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público e até mesmo sociável e social”. No sentido aristotélico, a política volta-se para a organização das sociedades e é feita em praças públicas – na polis. Para Aristóteles, política é “a forma que é melhor para os que são capazes de viver do modo mais conforme possível ao que desejam” (ARISTÓTELES, 1260b, 25). O filósofo grego entende o homem como um ser político e a sociedade organiza-se graças à política e aos seus cidadãos.

A política, assim, é construída e constituída na esfera pública – na Grécia, a polis – pelos cidadãos. É importante citar, entretanto, quem era considerado cidadão na Grécia: homens, gregos e livres (SODRÉ, 2007). Com o desenvolvimento da sociedade, as novas organizações e, inclusive, com a nova concepção de quem é cidadão, a política – e seu espaço público – se atualizaram. A praça do período aristotélico passou a ser os jornais. Para Barreto (2006, p. 12):

Em função de ser a política um acontecimento de interesse do público, o que conseqüentemente interessa ao jornal, este, em sua condição de artefato noticioso, legitimou-se enquanto tal, assumindo situação de locus ao transpor para as suas páginas a praça social onde se deu o fato, seja aquela um gabinete inacessível ao homem comum ou o trombetear dos comícios.

O local do debate, da seara, da política é, por excelência, a esfera pública. Gomes (2008) apresenta que essa esfera é:

[P]arte de uma engrenagem social voltada para a solução coletiva – porque publicamente discutida, formulada e deliberada – de problemas que afetam a comunidade política, num sentido que faça valer os interesses da sociedade civil (portanto da periferia do sistema político) no contraste com

a pressões sobre o Estado (portanto, o centro do sistema político) exercidas pelos sistemas sociais (GOMES, 2008, p. 120).

O autor traz algumas características dela, sendo as principais a discutibilidade e a visibilidade. É preciso ser um espaço de formação de opinião, de apresentação e discussão de questões de interesse público, mas é preciso que os cidadãos também participem desse debate. Gomes (2008) apresenta que essa esfera tornou-se midiática de forma quase integral com o surgimento e desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. O autor questiona se essa esfera midiática pode ser considerada uma esfera pública, mas apresenta que ela “conserva sua capacidade de formar opinião” (GOMES, 2008, p. 132). Lippmann (2008, p. 40) conceitua Opinião Pública como:

Aqueles aspectos do mundo exterior que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião pública. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões públicas. Aquelas imagens que são feitas por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome dos grupos, é Opinião Pública com letras maiúsculas.

Grijó (2022) no episódio analisado no presente artigo lembra, entretanto, que no século XIX e XX no Rio Grande do Sul havia uma característica para ser considerado eleitor – o cidadão da Grécia Antiga, quem pode participar da *polis* – ser alfabetizado. O historiador convidado do podcast apresenta que os leitores da Federação eram pessoas já veiculadas ao partido e que compartilhavam da mesma crença, mas era, também, local de formação de uma opinião pública.

### 3 Podcast como Jornalismo

A transmissão de conteúdos por plataformas de áudio é um formato que persiste e se atualiza com o passar dos anos. Primo (2005) afirma que o rádio permanece sendo um dos meios mais importantes e se reinventa, diferentemente do podcast, que já aparece na internet como um processo midiático novo. Ambos formatos transmitem a informação através do som, mas diferem nas etapas de produção, roteiro, locução, edição (característica mais comum aos podcasts) e transmissão.

O podcast se diferencia principalmente no âmbito da técnica. Apesar do conteúdo diferenciar-se, as formas de transmissão e recepção são fatores de destaque para esse tipo de produção fonográfica. Desprendimento geográfico e temporal são dois pontos marcantes dos podcasts. No primeiro caso, o ouvinte possui independência para ouvir os programas de onde quiser. É possível acompanhar um programa de outra cidade, estado ou país, sem preocupar-se com a proximidade a um centro de transmissão. No caso das rádios, a transmissão é de baixa potência (PRIMO, 2005, p. 5). Já para os podcasts, há facilidade na publicação dos arquivos em plataformas de áudio por meio da internet.

A recepção deste conteúdo armazenado em meios digitais independe da proximidade aos pontos de transmissão, mas torna-se dependente de redes de conexão de internet. Ou seja, torna-se um meio inclusivo ao público com acesso a essas redes e aos equipamentos necessários, como celulares e computadores. Para os podcasts, também existe a possibilidade de realizar download do conteúdo, o que permite ouvir episódios de modo off-line, sem a necessidade de conexão à internet.

Para além da técnica, o podcast também diferencia-se dos meios tradicionais de áudio pois permite o consumo segmentado, isto é, de acordo com o interesse do ouvinte. Diferentemente dos programas de rádio, que destinam-se às massas populacionais, os podcasts são produzidos e destinados a um público de interesse específico no assunto. Primo (2005) pontua a liberdade de navegação entre episódios, capítulos e assuntos de maior interesse como uma quebra do fluxo linear do conteúdo. O ouvinte não mais escuta o que todo mundo está escutando, mas seleciona o que lhe interessa mais ou o que se encaixa nas necessidades do momento (FALCÃO; TEMER, 2019, p. 3).

### **3.1 Palácio Piratini: 100 anos de história**

O podcast Palácio Piratini: 100 anos de história, possui duas temporadas. A primeira intitulada 100 anos de construção, conta com dez episódios que abordam desde a primeira sede do governo em Porto Alegre, o Palácio de Barro, até as ações visando a comemoração do centenário do Piratini. O primeiro episódio foi ao ar em 21 de maio de 2021. Cada episódio tinha duração de, em média, 10 minutos.

A segunda temporada do podcast “Palácio Piratini: 100 anos de história”, intitulada “Palácio Piratini: 100 anos de memória política”, é destinada a um público com interesse na história e trajetória política dos ex-governantes do estado do Rio Grande do Sul. O primeiro episódio foi um especial sobre Alceu Collares, em 18 de novembro de 2021, como parte da celebração

do cinquentenário do Dia da Consciência Negra. Os episódios voltaram em 22 de janeiro, no dia do aniversário de Leonel Brizola, com um novo formato: uma roda de conversa sobre a política do ex-governante.

Em entrevistas com historiadores e pesquisadores no assunto, durante a etapa de produção dos episódios, foi notável a participação desse grupo também como ouvintes dos episódios. Relatos e opiniões acerca das produções anteriormente realizadas eram tópicos comuns em conversas informais com estes profissionais. Ao final da temporada, foi possível perceber a aderência deste público entre os ouvintes.

Ainda que alguns ouvintes tenham se apresentado como profissionais do campo da história, a produção do conteúdo era planejada para um público mais amplo. A linguagem, a forma de abordar o assunto e a construção da narrativa foram pensadas para indivíduos com interesse no tema, mas sem a formação acadêmica e científica voltada para tal. “Produzir um conteúdo sonoro para difundir pela internet pode parecer uma tarefa bastante simples. Mas criar narrativas em áudio, uma arte já antiga, continua a exigir muitos conhecimentos culturais e linguísticos, além de domínio das técnicas que propiciam eficiência comunicativa e refinamento criativo” (ALMEIDA; LEITE; MAGNONI, 2020, p. 154).

Neste artigo, o desenvolvimento dos episódios da temporada “Palácio Piratini: 100 anos de memória política” será descrito por três tópicos: produção, locução e edição.

Na produção, os dezesseis episódios possuem um processo padronizado de pesquisa, escrita de roteiros e busca de fontes. Após a definição do enfoque do episódio, a primeira etapa é a pesquisa e o aprofundamento nos conhecimentos sobre a vida pessoal e a trajetória política do ex-governante em pauta. A partir dessa consulta inicial, inicia-se a escrita do roteiro de locução. A introdução, assim como o encerramento, é um texto padrão gravado por Cristian Jung.

O primeiro parágrafo, também padronizado, introduz a segunda temporada do “Palácio Piratini: 100 anos de História”:

O Palácio Piratini, em seus cem anos, foi cenário de muitas histórias./ Pelos salões, gabinetes e tantos outros espaços desta casa, pessoas viram a história acontecer./ A cidade e o Estado se transformaram através dos tempos e devido às importantes decisões aqui tomadas./ A história da sua construção foi contada na primeira temporada deste podcast./ Agora, na segunda, vamos apresentar algumas das personalidades que protagonizaram momentos da sede do Executivo./

Na sequência, é feita a chamada para o episódio específico, com uma sinopse introduzindo o ex-governante pautado. Após, apresenta-se um resumo da vida da figura e uma linha do tempo que narra a trajetória política desde a entrada neste meio até a eleição ou nomeação para assumir o executivo do Estado. A seguir, é introduzida a roda de conversa, com outro roteiro, que será detalhado na sequência. Após a roda, o episódio aborda o que o governante fez após sair do executivo do Rio Grande do Sul e finaliza com o encerramento padrão.

Antes da escrita do roteiro da entrevista, realizada no estilo de “roda de conversa”, executa-se a produção de fontes. Nesta etapa, faz-se a busca por pesquisadores no assunto. Por meio de artigos, dissertações e teses, são selecionados dois especialistas (ou mais, para o banco de fontes), com os quais se agenda a entrevista. A busca ronda historiadores e comunicadores que pesquisem o período ou o político pautado.

Na roteirização da entrevista, são pensadas perguntas específicas para cada um dos entrevistados e questões gerais para que haja uma conversa entre os entrevistados. O modelo escolhido para as entrevistas é uma roda de conversa, gravada por videochamada, o que permitiu entrevistar, ao mesmo tempo, pesquisadores de cidades distintas. Apesar do formato padronizado, as fontes diferenciam-se em todos os episódios. A busca por vozes diversas e abordagens variadas foi um objetivo na produção e entrevistas do podcast.

Na locução, responsável por guiar o ouvinte na história de vida e trajetória política do ex-governante, há preocupação com a entonação. Já na escrita, busca-se escrever um texto sem caráter acadêmico, mas com tom de formalidade. A locução busca prender o ouvinte e permitir que crie imagens mentais dos acontecimentos conforme o episódio roda. O *storytelling* – contação de histórias –, e o jornalismo narrativo auxiliam na narração das histórias (SANTOS, 2021, p. 208). Estas técnicas facilitam a escrita de um roteiro atrativo e sem complexidade, apesar de compilar nomes, datas e acontecimentos que podem ser complexos por si só.

Santos e Peixinho (2019) afirmam que por meio da narrativa, promove-se o nível de persuasão da informação. Isso acontece pois exemplos reais envolvem o ouvinte em uma noção de realidade. Tratando-se de conteúdo não-ficcional e histórico, o podcast “Palácio Piratini: 100 anos de Memória Política” usa a estratégia de narrar acontecimentos com o formato de uma conversa. Diálogo, este, executado por figuras que dominam o assunto, mas que explicam e debatem o tema com coloquialidade.

O podcast é um espaço que permite o renascimento da história de pessoas reais (SANTOS; PEIXINHO, 2019, p. 155). A narrativa em torno de

uma personagem favorece a atenção e a conexão do ouvinte com a história e a locução. Este aspecto faz com que a atenção retorne à audição do produto fonográfico. Os ouvintes não mais reproduzem os áudios como “plano de fundo”, como feito com a rádio, mas selecionam programas específicos e temas de interesse para uma escuta atenta.

Almeida, Leite e Magnoni (2020) destacam que além de boa locução, é preciso ter cautela na edição e montagem dos elementos da linguagem sonora (música, efeitos, palavra e silêncio), com áudio de qualidade. Esses processos na criação e edição dos podcasts é o que garante a entrega de um conteúdo de interesse para o público, que busca o produto pelo tema e recorte, e também pela qualidade técnica. Na segunda temporada do podcast “Palácio Piratini: 100 anos de história”, a atenção também é voltada para a padronização dos episódios, sempre mantendo-os com a duração, as trilhas sonoras e os efeitos sonoros iguais. Por fim, com o episódio pronto, é feita a publicação e divulgação do conteúdo para que chegue ao público e alcance o objetivo: a entrega de um compilado de história e política.

#### 4 Metodologia

Tendo o objetivo de compreender a construção narrativa da vida de Borges de Medeiros, assim como da Revolução de 23 no quarto episódio da segunda temporada do podcast Palácio Piratini: 100 anos de História, definem os como metodologia a Análise de Narrativa, com base em Motta (2013).

Nesta metodologia, de acordo com Motta (2013) há um processo inventivo, ou seja, o autor consegue adaptar a metodologia para seu objeto, entretanto, isso deve ser bem justificado e importante para compreensão do texto. O autor explica que cada objeto terá a sua forma de análise, que deve ser compreendida pelo analista e que este precisa se lembrar de duas coisas: nenhuma narrativa é ingênua, e todo o narrador tem um objetivo. É importante apresentar a diferença para Motta (2013) entre história e narrativa. História é o acontecimento, narrativa é o sentido e a forma de construção dessa história, “Narrar é uma forma de dar sentido à vida” (MOTTA, 2013, p. 18).

Motta (2013) apresenta em sua ideologia o que chama de sete movimentos, e apresenta que eles não possuem uma ordem a ser seguida, e podem ser analisados em ordem ou concomitantes, a depender do objetivo e do objeto apresentado na pesquisa. O primeiro movimento seria entender a história e o que ela quer contar, que o autor define como “compreender a intriga como síntese do heterogêneo” (MOTTA, 2013, p; 140, grifos do autor).

O segundo seria a construção da narrativa – “compreender a lógica do paradigma narrativo” (MOTTA, 2013, p; 146, grifos do autor). O terceiro perceber se na história contada há divisões em episódios da narrativa, ou, como o autor aponta, “deixar surgirem novos episódios” (MOTTA, 2013, p; 160, grifos do autor); O quarto, identificar os conflitos e como eles afetam a construção do texto – “permitir ao conflito dramático se revelar” (MOTTA, 2013, p; 166, grifos do autor). O quinto aborda a construção das personagens: “personagem: metamorfose de pessoa a persona” (MOTTA, 2013, p; 172, grifos do autor); 6) entender “as estratégias argumentativas” (MOTTA, 2013, p; 196, grifos do autor) utilizadas pelo autor para construir sua narrativa. O sétimo movimento é “permitir às metanarrativas aflorar” (MOTTA, 2013, p; 204, grifos do autor), ou seja, encontrar qual moral guia o texto.

## 5 Análise

Parte-se, então, para buscar compreender a construção da revolução de 23 e a vida de Borges de Medeiros no podcast Palácio Piratini. Seguindo os movimentos propostos pela Análise de Narrativa, buscamos compreender a história do episódio e o que ela quer contar. Na presente análise, quatro movimentos se complementam e não podem ser separados: a construção da história, a narrativa, suas divisões e seus conflitos. Eles se complementam e se relacionam. Para efeitos metodológicos, buscaremos explicar um por um.

A história contada pelo episódio é a de Borges de Medeiros, e tem como objetivo explicar e contextualizar Borges de Medeiros, sua vida e suas características pessoais dentro da história – e do governo – do Rio Grande do Sul. A narrativa montada pelo episódio, conforme as diferentes histórias contadas, é a de Borges de Medeiros como grande político, que mudou o Estado.

No movimento da **divisão**, é possível perceber três formas diferentes de divisão, duas construídas pelo podcast, que podemos compreender no sexto passo, como estratégia narrativa, e uma pelos entrevistados. As construídas pelo podcast, que podemos chamar aqui de **episódios oficiais**, que seriam a narração, cujo episódio é o histórico da vida de Borges, e as perguntas que guiam a roda de conversa. As apresentadas e construídas pelos convidados, chamamos de **não oficiais**. Devido ao mesmo termo – episódio – ser utilizado para se referir ao objeto empírico de análise e a um dos movimentos da metodologia, a partir daqui iremos nos referir ao quarto episódio do podcast Palácio Piratini como **podcast**, e episódios serão apenas os da narrativa.

Ao analisarmos as **estratégias da construção da narrativa** – o sexto movimento, segundo a metodologia de Motta (2013) – temos a construção técnica do podcast. Todos os 16 episódios da segunda temporada começam com a mesma locução e estrutura: primeiro a apresentação – “você está ouvindo a segunda temporada do podcast Palácio Piratini: 100 anos de História”, seguida por trilha sonora e a abertura (citada anteriormente), uma locução apresentando a principal característica do governante e, em seguida, seu nome. “Por vinte cinco anos, uma pessoa comandou o Rio Grande do Sul./ Por cinco mandatos, sua política guiou o Estado./ O episódio de hoje é sobre o governante que ficou mais tempo à frente do Executivo gaúcho: Borges de Medeiros./”. Em seguida, tem-se uma apresentação da vida do político tema do episódio, em que se aborda o local de nascimento, sua família (pais, esposa e filhos), sua educação, em seguida, parte-se para uma roda de conversa, em que se busca contextualizar o período histórico e social do Rio Grande do Sul, os principais “feitos” do político a frente do Piratini e sua relação com a imprensa, volta-se, depois da roda de conversa para a narração com outros dois episódios, o pós-governo e a morte do governante.

A principal estratégia aparente é a divisão do episódio em narração, com os fatos oficiais acerca do governante, e a roda de conversa, espaço de análise de especialistas, que traz informações, contextualização histórica e a análise do governo e da vida do político, com um tom de informalidade, com o que entendemos ser uma estratégia para aproximar o ouvinte da figura retratada.

Configuram, também, nas estratégias de construção da narrativa a presença da trilha sonora. Há uma trilha para o início, uma para narração, uma mudança sonora que marca o início e o final da roda de conversa – o som de um rádio sendo sintonizado. Além disso, a cada mudança de assunto, ou para utilizarmos os termos da análise, de episódio, há uma mudança na trilha sonora.

Voltamos, então, para as divisões do episódio, construídas tanto por meio das estratégias da narrativa, quanto pelos convidados. Apesar dessa construção da narrativa “oficial”, os convidados da roda tem espaço para ampliar, apresentar e construir novas narrativas. No episódio analisado pelo presente artigo, são aprofundados os episódios trazidos oficialmente, como contexto histórico, relação com a imprensa e o castilhismo, mas também trazendo outras como a sucessão e o período em que o governante passou afastado do executivo.

Tabela 1: Episódios da Narrativa

|                          |                                |                                  |
|--------------------------|--------------------------------|----------------------------------|
| Episódios “oficiais”     | Narração                       | Nascimento                       |
|                          |                                | Família                          |
|                          |                                | Educação                         |
|                          |                                | Pós-governo                      |
|                          |                                | Morte                            |
|                          | Guia da roda de conversa       | Contexto histórico               |
|                          |                                | Relação com a imprensa           |
|                          |                                | Relação com Julio de Castilhos   |
| Episódios “não-oficiais” | Convidados da roda de conversa | Primeiro mandato                 |
|                          |                                | Influência de Julio de Castilhos |
|                          |                                | Sucessão                         |
|                          |                                | Período fora do governo          |

Fonte: dados da pesquisa

A locução oficial, como estamos chamando aqui, não apresenta conflitos ou críticas ao governante protagonista do episódio, mas os convidados sim. No episódio analisado, traz-se um grande **conflito**, que se apresenta em dois episódios: a sucessão de poder. A primeira, em 1908, quando Borges deixa o poder e indica Carlos Barbosa, que vence a disputa contra Fernando Abott, para ser seu sucessor. Nesse primeiro conflito, Borges sai vitorioso e consolida o seu poder. O segundo conflito é a Revolução de 23. Em 1922, quando vence a quinta eleição para a presidência do Estado, Borges enfrenta Assis Brasil e revolucionários contra seu governo. A revolução durou menos de um ano, entretanto, depois dela a reeleição foi proibida no Estado. Apesar de não poder governar o Rio Grande em um sexto mandato, ao final da Revolução, Borges pode cumprir seu mandato e ficar à frente do Executivo até 1928. Apesar de estarem presentes no podcast, por meio da análise é possível perceber que eles não são centrais ou guias para a história, eles aparecem para a construção da narrativa e também auxiliam no movimento seguinte, de construir o personagem.

No quinto movimento, a **construção das personagens**, compreendemos que há dois tipos de personagem: o protagonista e os que decidimos denominar de “construtores da narrativa”. Borges de Medeiros é o protagonista do episódio, que leva seu nome e conta sua história, mas a narrativa só é construída por meio do locutor e dos participantes da roda, que são responsáveis por narrarem os acontecimentos.

Como afirma Motta (2008), personagens da política retratados pelo jornalismo operam permanentemente em uma circulação entre identifi-

cação e projeção, suscitando simpatia, compaixão, dor e angústia, assim como na arte. De tal forma, estratégias são acionadas para que a narrativa ofereça possibilidade de identificação e projeção por parte do ouvinte. A construção do protagonista se dá por meio de dados, como informações sobre sua vida (local onde nasceu, onde estudou, seu início na política), recuperando materiais históricos, como o poema Antônio Chimango, escrito por Ramiro Barcellos, e por análises e eventos contados pelos especialistas, como exemplo, podemos citar a anedota final contada por Grijó, da lembrança dos gaúchos de verem Borges de Medeiros, em idade avançada, passeando na Praça da Matriz.

Ao ouvir e analisar narrativamente o podcast, notamos que a divisão entre “oficial” e “não-oficial” continua. Enquanto a narração constrói Borges de Medeiros com base em dados e informações de sua vida – como data e local de nascimento – os convidados da roda aprofundam essa construção, trazendo diferentes características dos protagonistas. Durante o podcast, constrói-se Borges como um “positivista”, de acordo com Grijó, hábil na escrita, mas não tão bom orador como Julio de Castilhos, seu antecessor e é perceptível a relação, tanto política quanto de amizade, entre Borges e Julio. Outras características atribuídas ao político são a organização, a competência, o trabalho – devido seus feitos como governante, como a melhoria das estradas, organização das escolas e da infraestrutura estadual. Retomamos o poema escrito por de Ramiro Barcelos, que assinou com o pseudônimo de Amaro Juvenal, citado como Grijó – uma estratégia para a construção do personagem. O detalhe do poema é interessante porque a construção do político no podcast é póstuma, é o que se entende e compreende hoje de suas ações, mas o poema foi uma caracterização da época, por um de seus “rivals”. No poema, Ramiro Barcelos caracteriza Borges como “Magro como lobisomem, Mesquinho como demônio”, e continua,

“Veio ao mundo tão flaquito,  
Tão camirrado e choquinho  
Que, ao finado seu padrinho,  
Disse espantada a comadre:  
“Virgem do céu, Santo Padre!  
Isto é gente o passarinho?”

Os próprios conflitos também auxiliam na construção, ao mostram sua importância e poder político na época.

A **metanarrativa**, ou guia moral, como explica Motta (2013) do episódio, é seu caráter de produção oficial do governo. Os episódios narram acontecimentos que impactam, até hoje, a política estadual e os governan-

tes subsequentes. Portanto, em cada etapa de produção, toma-se o cuidado de analisar a história tendo como centro o Palácio Piratini e o governo do Estado. Durante o episódio, são apresentadas críticas e pontos negativos do governante, mas o tom – e a moral – principal desse episódio é ser uma “homenagem”, como afirmado no próprio episódio pela locução.

## 6 Considerações

A partir da análise do quarto episódio da segunda temporada do podcast Palácio Piratini: 100 anos de História, com base na metodologia da análise de narrativa proposta por Motta (2008, 2013), foi possível compreender mais sobre a trajetória política e a importância de Borges de Medeiros para a política rio-grandense, além do contexto gaúcho na época. Por meio de fatos oficiais e análises de especialistas, percebemos o ex-governante como uma figura metódica e organizada, que cultivou com Julio de Castilhos uma relação de fidelidade e comprometimento político até a morte do seu antecessor.

Retomando o problema de pesquisa que guiou o presente artigo, a construção narrativa de Borges de Medeiros no podcast segue a “homenagem” citada pela narração, abordam-se seus grandes feitos, como a organização burocrática do Estado, criação da Secretaria da Fazenda, construção de estradas e a estruturação dos impostos. As deliberações políticas de Borges, como a integração territorial e diminuição de impostos, foram essenciais para o avanço e crescimento econômico do Estado. Percebe-se que, apesar de ficar 25 anos à frente do Executivo, o governante precisou enfrentar diferentes crises e revoluções, como a Revolução de 23, contrária a sua eleição, mas, no podcast, esses conflitos estão como coadjuvantes da história de Borges, e não centrais, servindo para construir sua imagem, como a de um governante consolidado e, pode-se dizer, poderoso.

É interessante trazer uma fala do convidado Luiz Grijó, que afirma que Borges de Medeiros foi o governante mais importante do Rio Grande do Sul, que modificou e organizou o estado, mas é o que menos têm biografias publicadas e a história contada, apesar de ser um personagem interessantíssimo e seguir atuando politicamente no Estado até após deixar o cargo de presidente do Estado. Para Grijó, o governante “merece muitos estudos para contar suas histórias”. Como o podcast afirma em sua abertura, são os governantes do Estado que o guiam e o constroem, mas muitas vezes – como é o caso de Borges de Medeiros – não se tem muita literatura ou um local para se pesquisar e conhecer a vida dele. Percebe-se que o podcast busca ser esse espaço de caráter oficial acerca dos governantes.

Entendemos, então, que o podcast busca um retorno a história e ser um meio oficial da memória dos governantes que passaram pelos corretores do Piratini, assim, o entendemos como um mantenedor da história, uma das finalidades do jornalismo apresentado por Reginato (2019) e um recuperador.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução: Antônio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Niterói: Vega, 1998.

BOBBIO, Norberto. **Política**. IN BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Giafranco. Dicionário de política. 1909. trad. Carmen C, Varriale et al. Coord. Trad. João Ferreira. Rev. Geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

DUARTE, Luiz Antônio Farias et al. **Comunicação: imprensa e poder no Brasil republicano: estudo interpretativo das relações dos jornais A Federação, Correio da Manhã, Correio do Povo e Tribuna da Imprensa com os políticos José Gomes Pinheiro Machado, Getúlio Dornelles Vargas e Artur da Costa e Silva**. 2012.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2019. p. 1-14.

GOMES, Wilson. Da discussão à visibilidade. **GOMES, W; MAIA, RCM Comunicação e democracia: Problemas & Perspectiva**. São Paulo: Paulus, p. 117-162, 2008.

MAGNONI, Antônio Francisco; DA SILVA, William Renato; LEITE, Wellington. Radiodifusão, web rádio e podcast: o ensino do jornalismo em áudio. **Conhecimento & Diversidade**, v. 12, n. 27, p. 144-157, 2020.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom, 2005. p. 05-09.

\_\_\_\_\_. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da teoria do conhecimento. **Berger, C., Marocco, B., A era glacial do jornalismo. Teorias sociais da Imprensa**. Porto Alegre, Sulina, 2008.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto: revista do mestrado da comunicação UFRGS**. Vol. 2, n. 12 (jul./dez. 2005), p. 1-23, 2005.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2019.

SANTOS, Sílvio; PEIXINHO, Ana. A redescoberta do storytelling: o sucesso dos podcasts não ficcionais como reflexo da viragem narrativa. **Estudos em Comunicação**, v. 1, n. 29, 2019.

Santos, Sílvio. Os Podcasts: um novo lugar para o regresso das histórias ao jornalismo. IN JOÃO CARLOS CORREIA et al. **De que falamos quando dizemos jornalismo?** Covilhã: Editora LabCom, 2021.

SODRÉ, Olga. Percurso filosófico para a concepção de alteridade. **Síntese: Revista de Filosofia**, v. 34, n. 109, 2007.

**Recebido em:** 30/06/2023

**Aceito em:** 16/12/2023